
A CIDADE ORGÂNICA DE CESÁRIO VERDE

Fábio da Fonseca Moreira

Resumo: Este artigo tem como proposta apresentar o espetáculo cotidiano da cidade no poema *O sentimento dum Ocidental*, como reflexão acerca das imagens que caracterizam a antecipação transfiguradora do “moderno”.

Palavras-chave: Cesário Verde; O sentimento dum Ocidental; modernidade

THE ORGANIC CITY OF CESÁRIO VERDE

Abstract: This article has as proposal to present the daily spectacle of the city in the poem *O sentimento dum Ocidental*, as reflection concerning the images that characterize the transfigurator anticipation of the “modern”.

Keywords: Cesário Verde; O sentimento dum Ocidental; modernidade

“Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição.”

(BERMAN, 1986, p.13)

Inserido no final da Lisboa oitocentista, ambiente paradoxal e contraditório gerado pelo início da metropolização e já marcado por grandes contradições existenciais derivadas do novo modo de produção para a modernização da vida urbana e suas conseqüências sócio-espaciais, Cesário Verde publica, em 1880, o poema *O Sentimento dum Ocidental*.

Tendo como base o enunciado de Berman, este trabalho privilegia as propostas de Cesário Verde em captar o espetáculo cotidiano da cidade, evidenciando a multiplicidade dos sentimentos nas ruas macadamizadas de Lisboa. O poema *O Sentimento dum Ocidental* será utilizado para as reflexões acerca das imagens que caracterizam a antecipação transfiguradora do “moderno”.

Segundo Adolfo Casais Monteiro (MONTEIRO: 1977, p.18), Cesário Verde “expressou o mundo do homem moderno com uma voz de homem moderno”, pois foi um poeta que “viveu a cidade e a trouxe para a poesia”. A perspectiva cidadina no poema *O Sentimento dum Ocidental* é apresentada a partir das transformações físicas transmitidas pelas imagens urbanas captadas por uma espécie de câmera imaginária. O poema se constrói como uma observação da cidade, no qual o eu-lírico deambula pelas ruas de Lisboa em diferentes espaços de tempo, que funcionam como uma marcação subtítular do poema, que dura do cair da tarde ao amanhecer do dia seguinte, configurando uma “metamorfose do ciclo das horas”, nas palavras de Jacinto do Prado Coelho. (COELHO: 1961, p.181)

Ler a cidade e decifrar os seus códigos em constante transformação exige um olhar penetrante, pois a partir das revoluções burguesas do século XVIII, as cidades começam a possuir características bastante singulares. A multidão que passa a fazer parte do cenário urbano nasce com o desenvolvimento industrial comandado pela burguesia. Assim, tempos, espaços e pessoas passam a ser marcados por paradoxos e contradições. Berman é um autor recorrente para corroborar esse conjunto de experiências designado “Modernidade”:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. (BERMAN: 1986, p.15)

Contrariando o senso comum por não apresentar de maneira tácita o que seria uma homenagem ao Tricentenário de Camões, em 1880, o poema *O Sentimento dum Ocidental* dá as costas ao mar e volta-se para a cidade como o lugar no qual se teria inúmeras descobertas a serem desvendadas. Cesário Verde pode até contrariar o senso comum, mas não foge à consciência de um autor apaixonadamente moderno. Para Izabel Margato (MARGATO: 2008, p.49), Cesário Verde “volta a Camões como a um lugar de origem, mas agora para ver a construção de um presente que não é o seu. Nesse retorno ao épico, Cesário não buscou a reprodução de um monumento. Buscou, principalmente, a focalização de um lugar marcado pelo passado, mas inovadoramente articulado ao presente do século XIX”.

Ao evocar Camões, Cesário traz a História para o presente, provocando no eu-lírico uma viagem mental como processo de seu fazer-poético. Essa memória suscitada por essa viagem mental é coletiva e mítica, pois não é composta por uma experiência individual, de acontecimentos somente por ele vivenciados:

E evoco, então, as crônicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!¹

¹ VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Porto: Paisagem, 1982. Esta será a edição utilizada para as citações adiante do poema *O Sentimento dum Ocidental*.

Parece-nos que nessa viagem memorialística que perverte o senso-comum, as imagens do presente revelam o avesso do cenário suscitado pelo poeta. Essa cidade imersa num ambiente estorvado o faz procurar no passado a liberdade e a glória, mas como esse passado só existe na memória, o poeta procura na modernidade outra espécie de grandeza. Segundo Izabel Margato, “a cidade do hoje faz cruzamento com a do ontem e cada traço do presente já está carregado de marcas do passado que a memória continuamente pode resgatar”. (MARGATO: 2008, p.48)

Em *O Sentimento dum Ocidental* percebe-se a preocupação de Cesário Verde com a decadência do Portugal do séc. XIX, no que se refere ao contraste entre a grandeza do passado e a miséria do presente – um país mergulhado em trevas e sem perspectivas. Mas essa visão negativa, agregada a uma possibilidade de recuperação da grandeza passada, é vislumbrada como um futuro projetado no passado – a recuperação do sonho, do mito -, elementos ausentes no presente que vai se definindo:

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

Portugal, outrora celebrado por seus feitos e conquistas, grandiosidade e poder, agora é apresentado através de uma cidade suja e malcuidada: “E apinham-se num bairro aonde miam gatas, / E o peixe podre gera os focos de infecção!”, sofrendo a ameaça das doenças: “E eu sonho o Cólera, imagino a Febre” e da Inglaterra.

O poema *O Sentimento dum Ocidental* é marcado por uma aguçada crítica social, operacionalizada por um sujeito-lírico que se embrenha pelas ruas de Lisboa a revelar e a articular as cenas da vida moderna:

Batem os carros d'aluguer, ao fundo,
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!

Ocorrem-me em revista exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente em madeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Com um estilo marcadamente prosaico, Cesário Verde transforma os elementos do cotidiano em poesia urbana. Ao colocar em cena estes elementos que recolhe e processa, o poeta tece uma espécie de arte mnemônica.

A cidade apresentada no poema é aprisionada e limitada por um “céu baixo e de neblina”, onde edifícios são construídos e o ar cinzento das chaminés das fábricas envolve a multidão: “E os edifícios, com as chaminés, e a turba, / Toldam-me duma cor monótona e londrina”. As “gaiolas” e as “edificações” são conseqüências visíveis das invocações pelas quais passou Portugal depois de abalos profundos decorrentes da perda das colônias que sustentavam economicamente a vida portuguesa.

A grandeza de Portugal, que foi uma das maiores nações mercantilistas, se esvai e o que resta é um país subjugado e oprimido pela civilização moderna, motivo que levou os escritores da Geração de 70 a uma proposta de nivelar Portugal às principais cidades européias. Para Cesário, o mar já não é uma via de riquezas de Portugal. Dessa forma, *O Sentimento de um Ocidental* evidencia um conflito que se alarga pela História portuguesa desde a era gloriosa até a cidade em vias de modernização.

É fato que Cesário Verde viveu as transformações ocorridas no século XIX e estas refletiram-se de forma incisiva em sua literatura, dimensionando uma profunda relação com a realidade e sua maneira de agir sobre e perante ela. Mas a cidade que incomoda e inspira Cesário nos leva a uma interrogação paradoxal do sentimento verdadeiramente nutrido pelo poeta, pois mesmo sentindo-se enclausurado, mesmo nos mostrando o lado mais miserável de Lisboa, há nele um encantamento que aguça o seu olhar poético.

A construção e a desconstrução da cidade moderna já vinha se delineando nos seus poemas anteriores – só para citar alguns exemplos, *Num bairro moderno* e *A débil* -, o que nos permite observar que a poesia de Cesário Verde se convergia numa gradação, sem qualquer atribuição de valor à sua qualidade, que teve como ápice *O Sentimento de um Ocidental*.

As marcas da modernização são nitidamente percebidas ao longo do poema: a poluição, oriunda da Revolução Industrial; o gás extravasado, que enjoa e perturba; os edifícios, os carros d'aluguer e a via férrea são alguns elementos exemplificadores. O aumento da densidade demográfica em Lisboa também é um marco da modernidade. Para Baudelaire, a modernidade é o efêmero, onde a transitoriedade da multidão se metaforiza como uma grande massa humana de aparente integração e singular isolamento, gerando uma profunda solidão e anonimato, emblemáticos signos da modernidade.

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas da navalhas
E os gritos de socorro ouvir estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Cesário Verde fala da cidade com um prisma também direcionado aos seus habitantes, daí surgirem no poema as varinas, as obreiras, os mestres carpinteiros, os bêbados, os mendigos. Jorge Fernandes da Silveira, na introdução de *Todos os poemas*, afirma que o poeta “Vê o outro, a si mesmo e o outro de si mesmo”. (SILVEIRA: 1995, p.35) Esses habitantes trabalhadores são os representantes de um mundo em que não há mais o heroísmo, e sim, a frivolidade.

Para Silvina Rodrigues Lopes (LOPES: 1990, p.26), Cesário Verde “tinha aquela tristeza que ele nunca disse que tinha (...) uma tristeza insondável, doença dos emparedados, das trevas que envolvem a cidade moderna do vício e do crime”.

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios caminhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas, que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossem, fumando, sobre a pedra das sacadas.

Os quadros da vida cotidiana da cidade têm para Cesário Verde um valor essencial na sua produção poética, cuja descrição opera no poema com o salutar fim de atingir a uma espécie de evasão purgativa da vida citadina. Cesário Verde está longe de se deixar na passividade da observação casual e repara naquilo que, tendo-se tornado parte de cada dia, é um fator de animalização e doença.

O poema *O Sentimento de um Ocidental* transcende a simples observação da cidade e de seus habitantes, precedendo a uma visão que foca o transitório, um tempo de alterações velozes e contínuas em que o indivíduo encontra-se em constante conflito, fragmentado e perplexo diante da realidade. Cesário consegue captar os "cacos" do real, os "cacos" do indivíduo. O espaço, o tempo e o homem tornam-se pedaços de uma colcha de retalhos, mas retalhos em movimento, criando diversas figuras num caleidoscópio de uma época turbulenta e também indefinida.

BIBLIOGRAFIA:

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

COELHO, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. Lisboa: Ática, 1961.

LOPES, Silvina Rodrigues. *Aprendizagem do incerto*. Lisboa: Litoral edições, 1990.

MARGATO, Izabel. *Tirantias da Modernidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p.49.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *A poesia portuguesa contemporânea*. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Cesário Verde – Todos os poemas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1995.

VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Porto: Paisagem, 1982.